

Singular

Pedro
Nava

Nada,

por ele mesmo.

“Para nos mantermos dentro do espírito moderno, o que eu quero é que essa mocidade nos derrube. E terá toda razão para isso.”

“Eu não seria o memorialista que consegui ser se não tivesse o profundo hábito da observação, da crítica do ente humano, concedida a todo médico que leva a sério sua profissão indispensável para seu exercício.”

“Sou mesmo um impressionado pela morte e um curioso de como as pessoas a recebem com resignação e bravura. Isso traduz um estado de medo. Talvez eu tenha estudado medicina para combater essa idéia. E talvez tenha escolhido o ramo da Reumatologia porque de reumatismo ninguém morre.”

“O prazer de escrever é misturado com a angústia de escrever. Mas há o reencontro consigo mesmo.”

“Que essas crianças façam o que quiserem, não se incomodem com carreira, glória. Nada disso tem importância. Viver é que é importante. Meu recado é pois: não façam como a minha geração, que sempre se reprimiu em função de uma porção de coisas.”

Revista Manchete (1675):10-13, maio 1984

“Dizem que os que vão morrer, no último instante do irremediável, vêm passar como num filme cada fasto de sua vida. Minha insônia tem um pouco desse fenômeno. Vejo, com num exame de consciência minhas misérias e grandezas cotidianas.

Galo das Trevas(p.52)

Nova,

na medicina.

“Vi todas as agonias da carne e da alma. Todas as misérias do pobre corpo humano. Todas as suas dores, todas as suas desagregações, todas as suas mortes. Além de todas as doenças, vi, também, toda qualidade de doente. O rico e o pobre, o veraz e o fabulador, o amigável e o hostil, o cooperante e o negativista, o reconhecido e o ingrato, o deprimido e o otimista, o realmente doente e o doente imaginário. E vi também os colegas. O santo, e sábio, o heróico, o desprendido, o dedicado, o sincero, o altruísta vivendo para os doentes e tratando dos doentes o homem de branco. E o pérfido, o imprestável, o ignorante, o comodista, o rapace, o egoísta, o fariseu vivendo para si e tratando só do próprio ventre o médico marrom. Sou dono da experiência humana nascida de cinquenta e sete anos de convivência com tudo que o nosso semelhante pode dar de mais alto e de mais sórdido. Guardei dessa lição só o seu lado positivo e apesar das decepções, das amarguras, das ingratidões que sofri insisto, me obstino, persevero, me afinco no entusiasmo intacto e no amor à nossa profissão. E tenho a mais profunda fé no bem, na purificação e no pentecostes que ela representa para quem a exerce com sinceridade e na compreensão inteira do que significa o alto papel de ser médico. E como! Amigos, pus toda alma na configuração desse personagem. Nele fui sincero. O que fiz, fiz não fingi que fiz. Porque os que fingem que estão sendo e que se fazem pagar por isto, na realidade não são vivem na permanência duma espécie de carona. Cumpri dentro das minhas forças, o juramento que pronunciei naquela manhã na secretaria da Faculdade, lendo suas letras e sentindo que elas se gravavam em mim como marca de fogo e não como palavras soltas ao vento, pronunciadas por pronunciar, no decurso duma cerimônia”.

Nava,

Balada de Pedro Nava Vinícius de Moraes

Meu amigo Pedro Nava
Em que navio embarcou:
A bordo do Westphalia
Ou a Sordo do Lidador?

Em que antárticas espumas
Navega o navegador
Em que brahmas, em que brumas
Pedro Nava se afogou?

Juro que estava comigo
Há coisa de não faz muito
Enchendo bem a caveira
Ao seu eterno defunto.

Ou não era Pedro Nava
Quem me falava aqui junto
Não era o Nava de fato
Nem era o Nava defunto...

Se o tivesse comigo
Tudo se solucionaria
Diria ao garçon: Escanção!
Uma pedra a Pedro Nava!

Uma pedra a Pedro Nava
Nessa pedra uma inscrição:
"... deste que muito te amava
teu amigo, teu irmão..."

Mas oh, não! que ele não morra
Sem escutar meu segredo
Estou nas garras da Cachorra
Vou ficar louco de medo

Preciso muito falar-lhe
Antes que chegue amanhã:
Pedro Nava, meu amigo
DESCEU O LEVIATÃ!

vinícius.

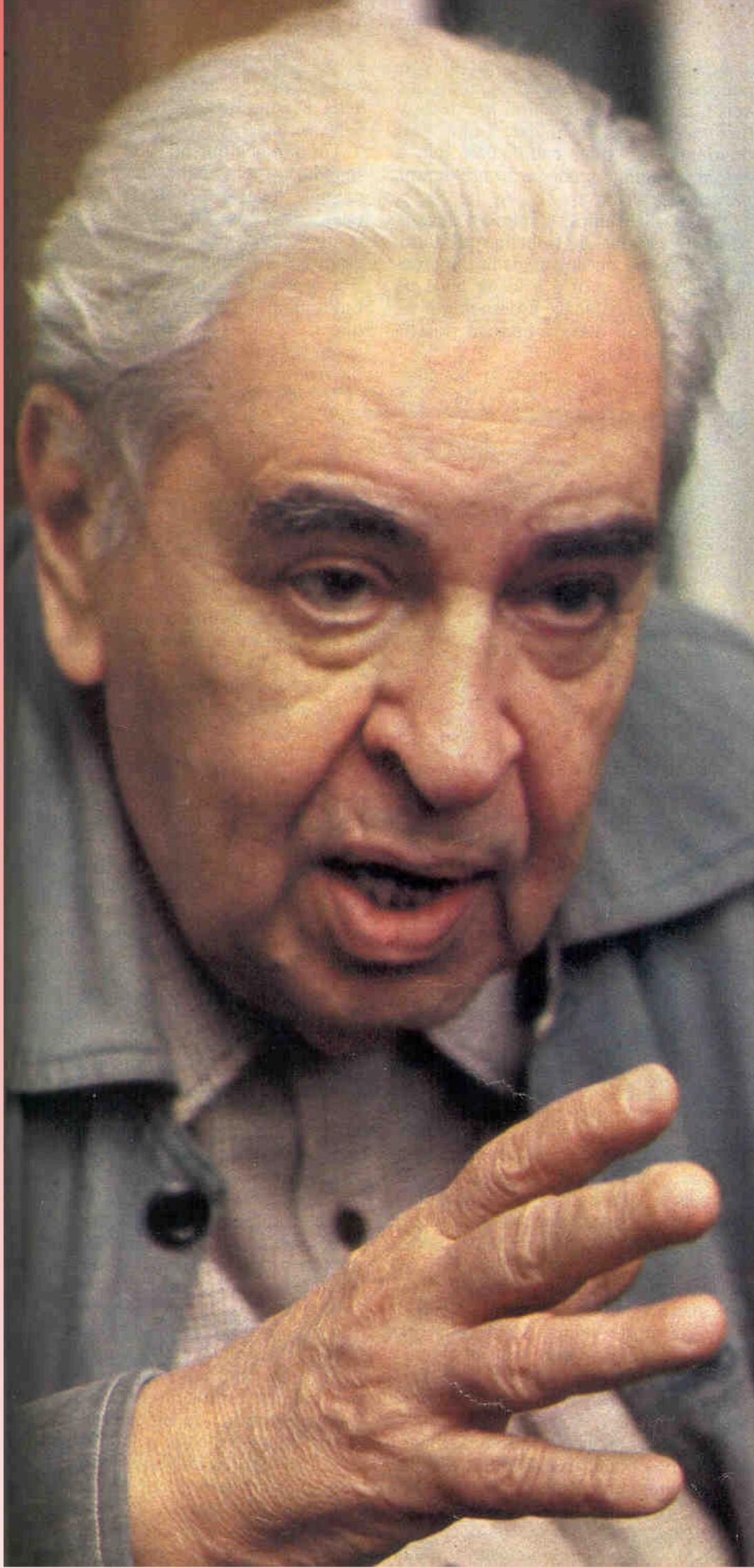
Nava,



ARQUIVO JB

O escritor.

Nava,



o escritor.

Nava,

- 1903** Nasce em Juiz de Fora no dia 5 de junho
- 1910** Muda-se com a família para o Rio de Janeiro
- 1911** Morre o pai do escritor, José Pedro da Silva Nava. A família retorna para Juiz de Fora
- 1913** O escritor e sua família mudam-se para Belo Horizonte, onde ele inicia os estudos primários no Ginásio Anglo Mineiro
- 1916** Nava vai para o Rio de Janeiro morar com seu tio Antônio Salles e faz o curso secundário no Colégio Pedro 2º
- 1921** Retorna a Belo Horizonte para estudar medicina na Universidade Federal de Minas Gerais
- 1923** Participa do Grupo Estrela e integra, junto com Carlos Drummond de Andrade, Gregoriano Canedo, Martins de Almeida e João Alphonsus, o grupo da publicação modernista “A Revista”
- 1924** Encontro com a caravana modernista de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, que mostrava o país ao poeta francês Blaise Cendrars
- 1925** Começa a se corresponder com Mário de Andrade, que influencia seu trabalho nas artes plásticas e na poesia
- 1927** Faz parte da primeira turma de formandos em medicina da Universidade Federal de Minas Gerais
- 1928** Inicia a carreira de medicina em Juiz de Fora e outras cidades mineiras
- 1933** Muda-se para o Rio de Janeiro, onde vive até a morte, para atuar como médico
- 1945** Casa-se com Antonieta Penido
- 1946** Manuel Bandeira inclui o escritor na “Antologia dos Poetas Bissexto Contemporâneos”, com seu poema “O Defunto”
- 1947** Publica “Território de Epidauro”, crônicas da história da medicina. Especializa-se em reumatologia e viaja para França
- 1948** Publica “Capítulos da História da medicina no Brasil”, na revista Brasil Médico Cirúrgico
- 1968** Começa a escrever suas memórias, onde conta histórias da sua vida e família
- 1972** Publica seu primeiro livro de memórias, “Baú de Ossos”, pela editora Sabiá.
- 1983** publica os cinco volumes restantes, “Balão Cativo”, “Chão de Ferro”, “Beira-Mar”, “Galo das Trevas” e “O Círio Perfeito” pela editora José Olympio
- 1973** Recebe o prêmio Personalidade Global Setor Literatura, concedido pela Rede Globo de televisão e pelo jornal O Globo
- 1974** Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte
- 1984** Na noite do dia 13 de maio recebe um telefonema e sai de casa. Suicida com um tiro na cabeça, na rua da Glória.

a cronologia.

Nava,

a biografia.

Pedro Nava nasceu em Juiz de Fora, no dia 5 de junho de 1903. Filho de uma família de nordestinos, formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1927. Durante a faculdade, foi integrante do grupo Estrela e da publicação modernista "A Revista".

Reumatologista renomado, Pedro Nava sempre mostrou certa inquietação. "A vida é um romance sem enredo", dizia o escritor. Em 1946 chamou atenção com a publicação do poema "O Defunto", na Antologia dos Poetas Bissexto Contemporâneos, organizada por Manoel Bandeira. Nele Nava mostrava sua obsessão pela morte.

Aos 69 anos publica seu primeiro livro de memórias, "Baú de Ossos". Nos anos seguintes, entre 1973 e 1983, escreveu "Balão Cativo", "Chão de Ferro", "Beira-Mar", "Galo das Trevas" e "O Círio Perfeito". Segundo ele suas memórias só causaram discórdia em sua família. "Eu só arranjei inimigos dentro de minha família com esses livros de memórias. Todos ficaram indignados. Do lado da minha mãe então, foi uma coisa horrorosa, um deus-nos-acuda. Houve pranto e ranger de dentes", disse o escritor em entrevista.

No dia 13 de maio de 1984, aos 80 anos de idade, Nava recebeu um telefonema em sua casa, no Rio de Janeiro. Para a mulher, Dona Antonieta, disse apenas tratar-se de um trote de mau gosto. Saiu de casa escondido e às 23h30 disparou contra si o revólver calibre 32. Deixou sua última obra, "Cera das Almas" inacabada.

Navo,

as obras.

Baú de Ossos, memórias 1, Rio de Janeiro: José Olympio, 1972

Balão Cativo, memórias 2, Rio de Janeiro: José Olympio, 1973

Chão de Ferro, memórias 3, Rio de Janeiro: José Olympio, 1976

Beira-Mar, memórias 4, Rio de Janeiro: José Olympio, 1978

Galo-das-Trevas, memórias 5, Rio de Janeiro: José Olympio, 1981

O Círio Perfeito, memórias 6. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983

Cera das Almas - inédito

Nava,

e o amor.

“Não dou a mínima importância ao chamado amor puro.
O amor que interessa é o amor físico.”

“O ato erótico, o amor em si, é um ato de pesquisa. A pessoa procura decifrar que o outro tem. Mudando o objeto dessa pesquisa, mudando a pessoa, esse ato tem muito mais prazer.”

Revista Manchete

Navva,

e a juventude.

“Aos 19/20 anos, o homem deveria parar de estudar, de trabalhar, de tudo, para viver um ou dois anos em liberdade total. Vinte anos é a idade linda da vida, é a inauguração, a descoberta do mundo. Depois disso, o homem voltaria a pensar na vida.”

Nova,

e Minas.

“Pois é... Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas das Matas Gerais.”

“Poeticamente, a genealogia é oportunidade de exploração no tempo. Nada de novo sobre a face do corpo. Nem dentro dele.”

“Quedê o alemão? Virou mineiro, mais que mineiro, se acostumando a nossas frutas do campo, aprendendo a cozinhar no campo, a moquear no campo o porco, o toucinho, a lingüiça, a carne seca, a carne de espeto, os nossos peixes que têm gosto de barro e de limo e de vida.”

“Essa é a minha terra. Também ela me tem e a ela pertenco sem possibilidade de alforria do seu solo, eu como da sua água, bebo. Por ela serei comido. Esta é simplesmente a terra de nascimento, vida, paixão e morte do mineiro.”

Nova,

Bele Horizonte.

“Eu conheci esse pedaço do belo belo Belorizonte, nele padeci, esperei, amei, tive dores-de-corno augustas, discuti e neguei. Conhecia todo mundo. Cada pedra das calçadas, cada tijolo das sarjetas, seus bueiros, os postes, as árvores. Distinguia seus odores e suas cores de todas as horas. Seu sol, sua chuva, seus calores e seu frio. Ali vivi de meus dezessete aos meus vinte e quatro anos. Vinte anos nos anos vinte. Sete anos que valeram pelos que tinha vivido antes e que vivera depois. Hoje, aqueles sete anos, eles só, existem na minha lembrança. Mas existem como sete ferretes e doendo sete vezes sete quarenta e nove vezes sete trezentos e quarenta e três ferros pungindo em brasa”. (Beira-Mar, pág 12)

“E agora sim, vamos pisar solo sagrado: o quarteirão da Bahia que vai do Bar do Ponto propriamente dito até as esquinas fronteiras de Goiás e Goitacazes. Vamos, Pedro. Dá teus braços de dezessete anos ao Cavalcanti, ao Chico Pires e retoma com eles essa ladeira”. (Chão de Ferro, pág. 354)

“Jamais poderei esquecer-me de ti Belo Horizonte, de ti nos seus anos vinte. E, se isso acontecer, que, como no salmo, minha mão direita se resseque e que a língua se me pregue no céu da boca. Belo, belo Belorizonte. Minas minha confissão”. (Chão de Ferro, pág 306-307)

“Belo Horizonte, que lindo nome! Fiquei a repetí-lo e a enroscar-me na sua sonoridade. Era longo, sinuoso, tinha de pássaro e sua cauda repetia rimas belas e amenas. Fonte. Monte. Ponte. Era refrescante. Continha fáceis ascensões e aladas evasões. Sugeriu associações cheias de nobreza na riqueza das homofonias. Belerofonte. Laocoonte. Caronte. Era bom de repetir Belorizonte, Belorizonte, Belorizonte e ir despojando aos poucos a palavra das arestas de suas consoantes e ir deixando apenas suas vogais ondularem molemente. Belo Horizonte. Belorizonte. Belorizonte. Beoizonte. Beoionte”. (Balão Cativo, pág 80)

“Todos os caminhos iam à Rua da Bahia. Da rua da Bahia partiam vias para os fundos do fim do mundo, para os tramontes do acabaminas... A simples reta urbana... Mas seria uma reta? Ou antes, a curva? Era a reta, a reta sem tempo, a reta continente dos segredos dos infinitos paralelos. E era a curva. A inacessível curva, épura dos passos projetados, imanências das ciclóides, círculo infinito... Nós sabíamos, o Carlos tinha dito. A Rua da Bahia era uma rua sem princípio nem fim”. (Chão de Ferro, pág. 352)

“Havia a Bahia da manhã, a do dia, do entardecer, da noite, da madrugada de voltar da zona ou da madrugada de sair cedo para apanhar o rápido do Rio; a do calos e das mangas, a do frio e seu gosto de laranja, a do tempo da fumaça, a do Carnaval, a da Semana Santa”. (Beira-Mar, pág. 267)

“Escrevi à Tia Alice carta que releio comovido, para avivar minhas lembranças dessa fase. Nela dizia: “Agora estamos a três quarteirões do Bar do Ponto, que é o centro!” Eu me referia ao centro da cidade, mas logo veria que aquilo era o centro de Minas, do Brasil, do Mundo, mundo vasto mundo.” (Chão de Ferro, pág. 103)

Nava,

deppoiimento.

Baureu

“A importância de Pedro Nava nas letras brasileiras pode ser assim resumida: ele trouxe à memória, como gênero literário, uma capacidade de renovação tão viva, que deu a esse mesmo gênero não apenas uma direção pessoal, mas uma direção nova. Ele ocupou um tão grande espaço que, para a maioria de seus leitores, é consubstancialmente um dos maiores provadores da língua portuguesa, em todos os tempos. A sua morte tem, por isso mesmo, se não o consolo, pelo menos o corretivo da sua imortalidade.”

Nava,

Pedro Nava a partir do nome

Nava
campo-raso planície intermontana
onde os Nava plantaram seu brasão
Ponti di Nava
Nava del Rey
de chocolate e vinho
incandescentes
Navas de Oviedo
manando água sulfúrea sob o olhar
de romanos de pés dominadores
Navas de Tolosa
onde os reis de Navarra, de Castela
e de Aragão
dobraram para sempre
a cerviz dos almóadas
Navarino enseada helênica
de que partem os bélicos navarcos
em naves agressivas

Navarre
colégio douto modelando o menino
Bossuet, o garoto Richelieu
navaios
confinando a glória antiga nas
reservas
de papel passado e desprezado
pelos brancos
e nos filmes ferozes de Hollywood
Navarrete
(Domingo Hernandez) obstinado
teólogo debatedor de ritos chineses
Nava
navio sulcando europas maranhões
ceará alencarinos
cruzando mares de serras e
cerrados
até chegar à angra tranqüila
de Juiz de Fora
onde a 5 de julho de 1903
desembarca o infante Pedro Nava.

Nava
o novo sentido da palavra
agora poesia
de distintas maneiras
naviexpressa
em verso múltiplo, eis salta do
verbo
para navianimar membros
rígidos inertes
de gente sofredora
e reacender-lhes o ritmo do
gesto
no baile de viver.
Versa depois outro caminho e
cria
na superfície nívea as formas
coloridas
do objeto pictórico
assim como quem não que,
mas tão sabido
que a arte o denuncia em toda
parte,
e regressando ao porto de
partida
navioceanigráfico navega
a descobrir tesouros
submersos insuspeitados
no mais fundo da língua
portuguesa.

Nava navipoeta
naviprosista

e Drummond.

Nava,

O defunto Pedro Nava

Quando morto estiver meu corpo,
Evitem os inúteis disfarces,
Os disfarces com que os vivos,
Só por piedade consigo,
Procuram apagar no Morto,
O grande castigo da Morte.

Não quero caixão de verniz
Nem os ramalhetes distintos,
Os superfinos candelabros,
E as discretas decorações.

Quero a morte com mau gosto!

Dêem-me coroas de pano.
Dêem-me as flores de roxo pano,
Angustiosas flores de pano,
Enormes coroas maciças,
Como enormes salva-vidas,
Com fitas negras pendentes.

E descubram bem minha cara:
Que a vejam bem os amigos.
Que não a esqueçam os amigos.
Que ela ponha nos seus espíritos
A incerteza, o pavor, o pasmo.
E a cada um leve bem nítida
A idéia da própria morte.

Descubram bem esta cara!

Descubram bem estas mãos:
Não se esqueçam destas mãos!
Meus amigos, olhem as mãos!
Onde andaram, que fizeram,
Em que sexos se demoraram
Seus sabidos quirodátiles?
Foram nelas esboçados
Todos os gestos malditos:
Até furtos fracassados
E interrompidos assassinatos.

Meus amigos, olhem as mãos
Que mentiram às vossas mãos!
Não se esqueçam! Elas fugiram
Da suprema purificação
Dos possíveis suicídios.

Meus amigos, olhem as mãos!
As minhas e as vossas mãos!

Descubram bem minhas mãos!
Descubram todo o meu corpo.

Meus amigos, olhem as partes!
Fujam das partes!
Das punitivas, malditas partes!

Eu quero a morte nua e crua,
Terrífica e habitual,
Com o seu velório habitual.

Ah! o seu velório habitual!

Não me envolvam em lençol:
A franciscana humildade
Bem sabeis que não se casa
Com o meu amor da Carne,
Com o meu apego ao Mundo.

E quero ir de casimira:
De jaquetão com debrum,
Calça listrada, plastron
E os mais altos colarinhos.

Dêem-me um terno de Ministro
Ou roupa nova de noivo.
E assim, solene e sinistro,
Quero ser um tal defunto,

Um morto tão acabado,
Tão aflitivo e pungente,
Que sua lembrança envenece
O que restar aos amigos
De vida sem minha vida.
Meus amigos, lembrem de mim.
Do pobre terrível morto
Que vai se deitar p'ra sempre,
Calçando sapatos novos!
Que vai como se vão
Os penetras escorraçados,

As prostitutas recusadas,
Os amantes despedidos.
Como os que saem enxotados
E tornariam sem brio
A qualquer gesto de chamada.

Meus amigos, tenham pena,
Senão do morto, ao menos
Dos dois sapatos do morto!
Dos seus incríveis, patéticos
Sapatos pretos de verniz.

Olhem bem estes sapatos,
E olhai os vossos também.

e o pobre.

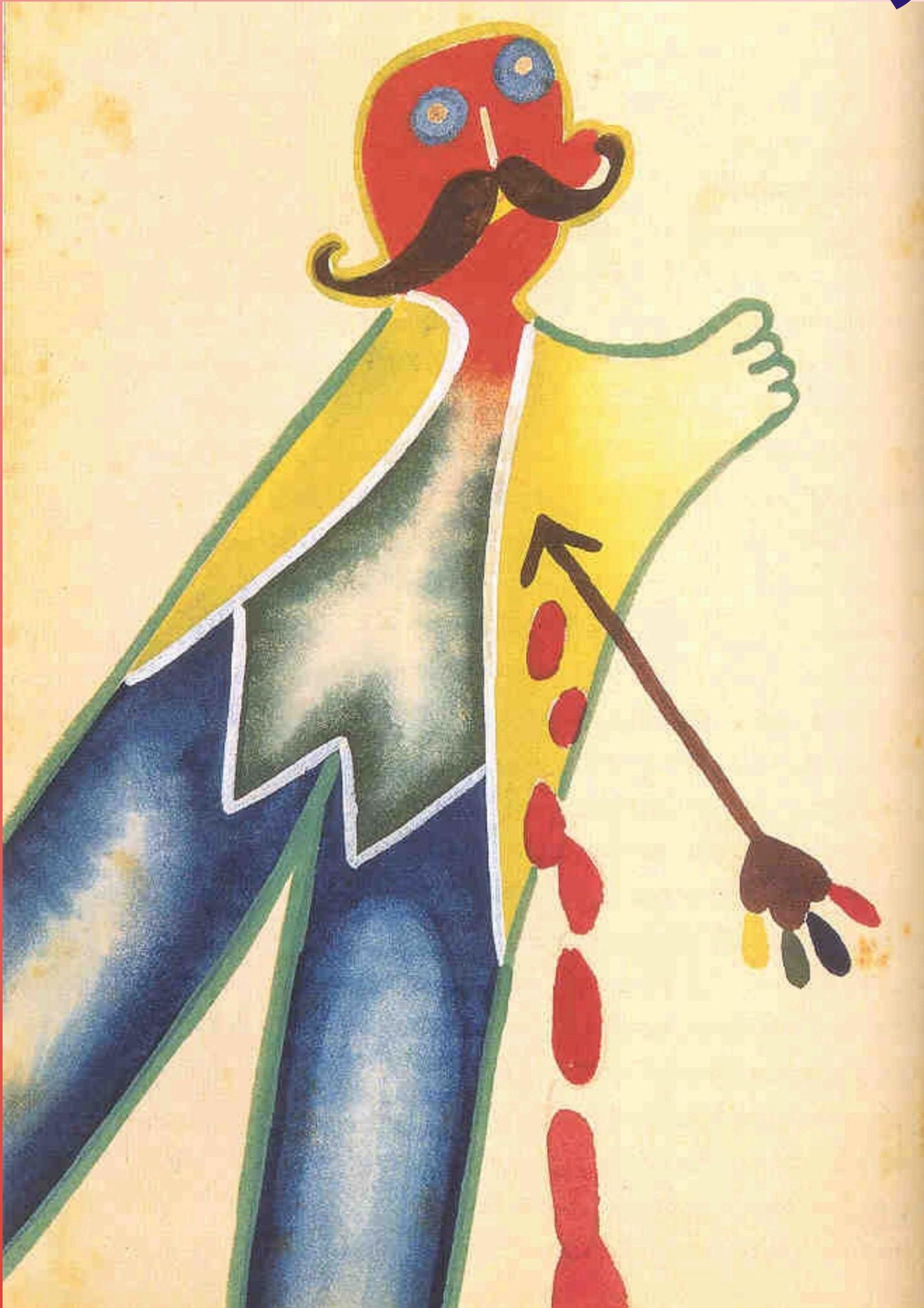
Nada,

Arco-Íris

O coração se aperta.
Nem sabe se foi a lembrança de certo cair de tarde
que a memória subtraiu ao tempo, ou um reviver de luzes
entre horizonte e nada.
O coração se volta, há luzes ao longe, uma cidade aparece,
some-se, já é outra cidade.
Em qual delas habita e se redescobre o menino?
Em qual delas a vida se multiplica, as manhãs renascem,
os caminhos se desenvolvem num atlas inexistente e a
imaginação arma
o seu mundo de mágicos? Em qual delas
a luz é luz, a sombra é sombra?
Não sabe.
Tantas coisas já se misturaram, ou se confundiram no tempo.
Algumas realmente vistas.
Outras apenas sonhadas, ou imaginadas. E como agora todas
à distância se ordenam,
Entrelaçam-se, formam,
fundidas, transfiguradas,
um só arco-íris!

e Emílio Moura.

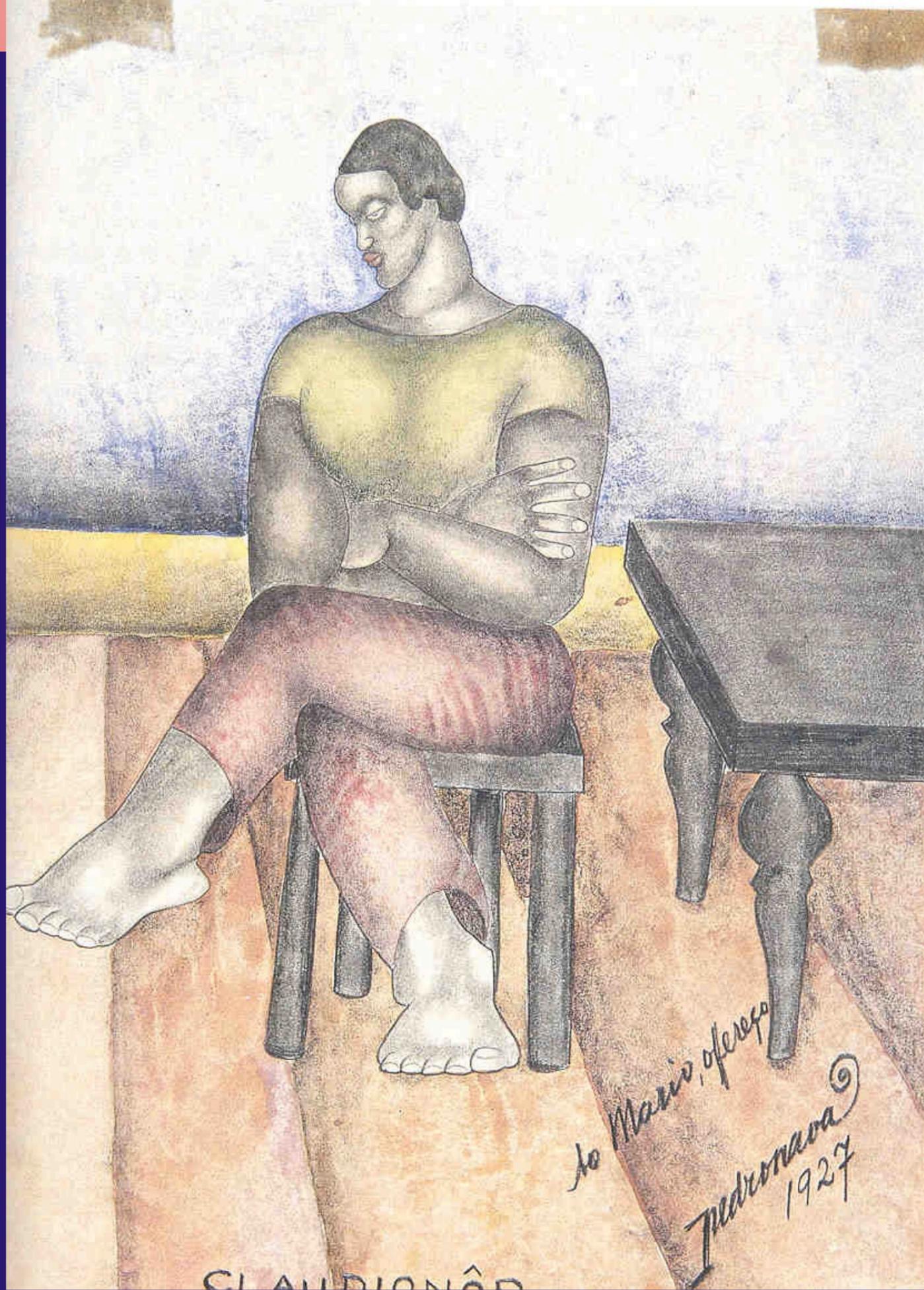
Nava,



Desenho de Pedro Nava em
Macunaíma,
1929. Guache s. Papel.
12x17cm

O artista plástico.

Nava,



O artista plástico.

Ficha técnica.

**Superintendência de Bibliotecas Públicas
Secretaria de Estado da Cultura**

Edição de Texto

Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Graça Maria Fragoso

Pesquisa

Ana Helena Miranda
Thaís Queiróz Brécia

Design Gráfico

Bernadete Nery

Colaboradores

Maria de Lourdes Rodarte
Maria da Consolação Ferreira Nunes
Ione Rinco Aguiar Vieira
Aurí Maria Vale do Amaral

Patrocínio

CEMIG